

DIÁRIO CARTOGRÁFICO - 2020

Essa noite tive um sonho peculiar. Ele não era em imagens, mas em sons. Uma conversa que se deu num vácuo, entre eu e uma voz incorpórea, que depois identifiquei como sendo minha também. Conversávamos sobre aprendizado. Sobre como é importante honrar as fontes de onde aprendemos; tecer, por assim dizer, uma genealogia dos nossos saberes.

Tenho trabalhado na minha pesquisa com a noção de intercessores oferecida por Deleuze. Pra esse autor, os intercessores "Podem ser pessoas - para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas - mas também coisas, plantas, até animais (...). Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores (...) Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê". É com eles, através dos encontros e composições que produzem afetações nos nossos corpos, que somos não só convidados, mas convocados a conhecer.

Dai que, em tudo o que a gente sabe, tem muita, muita gente e não-gente vivendo, se encontrando, se estranhando, fazendo amor, engravidando e dando à luz a filhotes-outras-coisas. Por isso que a genealogia dos nossos aprendidos não deveria se resumir a citações frias de autores e referências. Ela tem muito mais a ver com canibalizar e digerir esse povo todo que nos acompanha pela vida. Não só quem escreve ou fala bem, mas também quem age bonito no mundo. Eu não saberia sobre comunidade se não fosse a minha avó Elisa, que tinha uma mesa na cozinha sempre coberta de delícias, em volta da qual ela reunia uma infinidade de pessoas para os chás da tarde durante a semana, para os almoços de domingo, para as festas santas e profanas todas. Mas saberia um pouco menos se também não tivesse lido o Bauman, e o Buber, e o Sennett, e a Haraway e muitas e muitos outras e outros que têm me inspirado a refletir sobre o fenômeno da vida comunitária. Assim, saberes acadêmicos não são mais valiosos que aqueles que se adquire no miúdo do dia-a-dia, e vice-versa. A gente também não pode cair na armadilha de achar que o conhecimento produzido ao longo de toda história da humanidade não vale pra nós, porque o que nos serve mesmo é a autoridade da experiência. "Sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê", disse o Deleuze, e esses vários são os gregos lá de antes do Sócrates existir e o Krenak, e a Dona Maria que me conta de sua vida na colônia quando criança, e o Nego Bispo contando do pai que deitava quando precisava resolver algo, e as minhas parceiras de anfitriagem das rodas de escuta, e meus filhos, e os filhos de vocês todos, e o Manuel de Barros, a Marina Abramovic e o Mozart e o Zeca Pagodinho, e a árvore pregada no muro da escola lá na Praia Vermelha e a Catarina deitada no quintal ao sol...

Me assusta um tanto quando ouço alguém dizer que não lê, ou que não precisa de companhia pra pensar porque a própria vida basta. A autoridade da experiência é útil, mas não dá conta de tudo, nos lembra a bell hooks. Penso num documentário que assisti no qual a Ayn Rand dizia, com uma arrogância que me assombrou, que sua "filosofia" era absolutamente original. Algo semelhante diz o Olavo de Carvalho, e a gente tem testemunhado o ruim que a influência das ideias dessas pessoas têm dado, aqui no Brasil e no mundo. Conhecimento é da ordem do comum, pertence, precisa pertencer a todos. É construção coletiva. É como o Guimarães Rosa define a vida, "mutirão de todos, por todos remexida e temperada" (FB, 14/04).